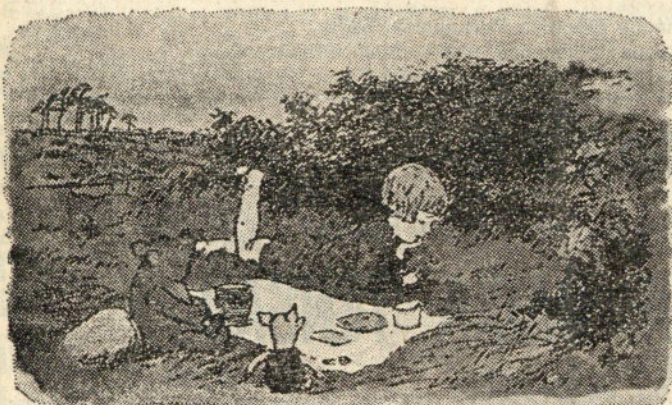


## Ler(zinho)



Alice Vieira

De meninos, ursos, bufalampes, cigarras e formigas, índios e «cow-boys», se fala nas linhas que vão seguir-se. E também — e sobretudo — da alegria de ler um livro (para crianças? para adultos?) com a vontade de não acabar nunca, ou de regressar à 1.ª página no exacto momento em que se lê a última. Um livro que é uma festa.

E pobre da literatura para crianças quando não é uma festa.

E pobres das crianças, evidentemente.

### 1. Vivam os bufalâmpes!

Eu cá, palavra de honra, se mandasse neste país, fazia sair uma lei, um decreto-lei, uma ordem, ou lá como se chamam essas coisas, que obrigasse toda a gente — novos, velhos, assim-assim — a ler as aventuras da «Joanica-Puff». Não é que, com a sua leitura, a gente descubra maneira de o ordenado chegar até ao fim do mês. Não é que, depois de nos deliciarmos com os seus dez capítulos, a gente encontre processo de diminuir os impostos. Mas pelo menos ainda podemos pensar que, apesar de tudo isso, vale a pena andar por cá.

«Joanica-Puff» é, antes de tudo o mais, a vitória da inteligência e da alegria. O primado da imaginação sobre o palavriado bolorento que ainda — oh! se ainda! — infesta tantos

livros que por cá se publicam para os mais novos. É uma qualidade de escrita de fazer inveja aos que escrevem para adultos, olhando os mais novos do alto da sua superioridade.

Em «Joanica-Puff» a gente faz amigos que nunca sonhou fazer: Cristóvão Robin, Inhon o Porquito, o Coelho, o Mocho. E muitos bufalâmpes, pois claro. E se o leitor não souber o que são bufalâmpes, o mal é seu, que deve ter a infância esquecida nalgum recanto da memória.

A ler com muita urgência!

A. A. Milne, «Joanica-Puff»; desenhos de E. H. Shepard; tradução de Manuel Graego; edições A Regra do Jogo; 132 pp.; Lisboa, 1981.

### 2. A arte é como um Sol

Mesmo agora, que completa meio século de actividade literária, Adolfo Simões Muller não pára. Depois da viagem maravilhosa do rio Tejo, eis que nos aparece o «Livro das Fábulas», «dedicado aos jovens de todas as idades». Antes delas, um bem humorado prefácio de Lili Cordeiro Lobo da Mata, menina que, em nome de todas, decide escrever ao autor protestando, entre muitas outras coisas, contra os livros para crianças «em que há muitas palavras em inho e inha» e outros «em que se empregam palavras que não são o que dizem». Mal a Lili termina o seu discurso (cheio de lindos erros orto-

gráficos...) erguem-se então as vozes dos animais e das coisas neste mundo de fábula em que tudo tem voz. De salientar que, na Cigarra e na Formiga, se faz a síntese de duas habituais moralidades: «Sê previdente mas sê bom também / e vê que a Arte é como um sol que vem / encher de luz a nossa vida inteira» — o que já atenua um pouco o terrível «cantavas? pois dança agora!» que aprendemos na infância, e dispensa a leitura de duas versões da mesma história...

Adolfo Simões Muller, «O Livro das Fábulas»; desenhos de Artur Correia; edições Vega; 63 pp.; Lisboa, 1981.

### 3. Um americano em bolandas...

Muito se fala de literatura escrita expressamente para crianças — e da outra. Pois entre os chamados «clássicos da literatura infantil» muitos há que não foram escritos para crianças, e os seus autores decerto abriam a boca de espanto se os vissem hoje nas mãos dos mais novos. Como seria decerto o caso do insuportável e azedo Johnatan Swift, se visse o seu ultra-ácido «Gulliver» transformado em inofensivo livro infantil...

Pois hoje temos a referir mais um clássico, inicialmente escrito para adultos — e que se calhar os adultos, hoje em dia, já nem lêem... Refiro-me concretamente a «O Caçador» de Fenimore Cooper (o «pai» do romance americano) que, depois de «O Último Mohicano», deve ser decerto a sua obra mais conhecida. Em versão adaptada de Ricardo Alberty, o livro dá aos jovens, se não o conhecimento integral de um romance de qualidade,

pelo menos o suficiente que lhes desperte a atenção para futuras leituras.

Um reparo: muito embora esta adaptação tenha sido feita a partir de uma condensação alemã (o que já não será processo muito louvável...), por que razão indicar em alemão o título original? Ainda por cima como o livro não tem a mínima referência ao seu autor, é bem possível que os jovens ainda comecem a identificar Cooper como excelente escritor alemão... O que, evidentemente, não joga com as aventuras dos índios e dos colonos recém-chegados à (então) Terra de Promissão. E feito este reparo, que todos se deliciem com as histórias do Caçador, de Tom, Harry, Judite, Hetty, e Carvalho Chingachgook, e Carvalho Fendido — é o que se deseja.

James Fenimore Cooper, «O Caçador»; ilustrações de Erik Nielsen; versão de Ricardo Alberty; editora Verbo; 62 pp.; Lisboa, 1981.

## Um filme

# Insustentável!

Lauro António

Cale-se tudo o que a musa antiga cantava em matéria de violência e sadismo! Eis que chega *O exterminador*, que procura transformar a violência de *O Caçador* numa história para crianças e tornar *O Justiceiro da Noite* num bom rapaz de sentimentos apenas um pouco conturbador. Raras vezes um filme se nos tornou tão repulsivo, no campo da ficção (ao nível do documentarismo, as «escroqueries» de Gualtiero Jacopetti são semelhantes).

Ainda não tinha terminado o pré-générico e já havia um rol de violência indigna: em plena guerra do Vietname, um grupo de soldados americanos é apanhado numa emboscada pelos Vietcongs. Uns são mortos, outros capturados. Estes são torturados e interrogados com requintes de malvadez. Enquanto a um se pergunta onde vão atacar as tropas americanas, perante o seu silêncio, ao outro corta-se a cabeça ao «ralenti», a catana a penetrar lentamente no pescoço, este a descair para trás em camara lenta, deixando ver bem em pormenor o sangue a correr, etc., etc. Como resposta, um americano estrangula um vietcong com um arame e, quando este leva a mão à garganta, traz agarrada a pele cortada, etc., etc. Um

vietcong ferido, que rasteja pela lama e água, é liquidado à queima-roupa (melhor será dizer: queima cabeça), etc., etc. E o fogo por todo o lado, e o ruído ensurdecedor, o crepitar das labaredas e do «napalm», o ribombar das explosões, o matraquear das metralhadoras. São para aí cinco minutos «exemplares», findos os quais qualquer espectador de sólida formação moral se interroga se valerá a pena continuar. Mas nós resistimos, por dever de ofício e aí vem o générico. Cenas aéreas de Nova Iorque nocturna. Bonitas, por sinal. Uma pausa que os responsáveis nos concedem para irmos lendo os seus nomes nos «credits». Passado o que voltamos à selva: agora é de cimento armado. Pequenos grupos de marginais, com a bandeira de Cuba na camisola e Guevara no quarto, assaltam um armazém de cerveja, são afastados à tarefa, e regressam para a vingança. Com correntes de metal e ganchos de estivador. Que utilizam prodigamente. Eis que volta *O Exterminador* com um lança-chamas como arma persuasiva em interrogatório e uma metralhadora justiceira. Que mundo é este, onde os filmes, gratuitamente, pelo simples lucro do insólito, se permitem cenas tamanhas? Entretanto, um qualquer mafioso, que vive da contribuição

extorquida à força aos comerciantes de Nova Iorque, é o «gangster» que se segue. *O Exterminador* coloca-o preso por correntes, suspenso por cima de uma máquina de triturar carne e sair pasta para salsicha. É evidente que *O Exterminador* não perde tal pitu e deixa mesmo o «gangster» asqueroso resvalar para dentro da engrenagem, não sem antes ter utilizado uma serra mecânica para se defender de um «doberman». Nesta altura, o governador de Nova Iorque, inquieto com o «herói popular», chama a CIA e pede-lhe para calar o homem. Por todos os meios possíveis, menos o julgamento porque estamos em ano de eleições. Achámos que tinha toda a razão, saímos do cinema sem esperar pelo fim da fita, e viemos cá para fora respirar um pouco de ar puro. Raras vezes um filme nos repugnara tanto. Falar de fascismo a propósito disto é quase não dizer nada. Insustentável!

**O EXTERMINADOR (The Exterminator)** — Realização e argumento: James Glickenhaus (EUA, 1980); Fotografia (Technicolor): Robert Baldwin; Música: Joe Renzetti; Intérpretes: Christopher George, Samantha Eggar, Robert Ginjy, etc. Distribuição: Filmes Ocidente; Classificação: Interdito a maiores de 18 anos; Estreia: Cinenas Eden e Roma (13.11.81).



«O Exterminador»: uma arma apontada contra a cidade

## 15x nove

OS FILMES	OS CRITICOS								
	JOAO LOPES (D. Notícias)	JORGE LEITAO RAMOS (D. Lisboa)	JOSE MATOS CRUZ (D. Popularg)	JOSE VAZ PEREIRA (A. Capital)	LAURO ANTONIO (D. Notícias)	MANUEL CINTRA FERREIRA (R. D. P.)	MARIO DAMAS NUNES (Sete)	SALVATO TELES DE MENESES (O Diário)	TITO LIVIO (D. Popular)
A ABSOLVIÇÃO	3	3	4		4	3	3	4	4
ARMADILHA INTERNACIONAL					2	2		2	
ATLANTIC CITY	1		4	4	4		3		
O BURACO DA AGULHA				3	2				
O CARTEIRO TOCA SEMPRE 2 VEZES			4	3	4	2	3		
CRONICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO	4	2	3	3		3	2	2	
A DAMA DAS CAMÉLIAS			3		3				
EU TE AMO	0	0	4	4	4		4		
EXCALIBUR	4		4	4	5	2	3	3	3
AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT	5		4	4	5	4	5	3	5
LILI MARLENE	2		4	4	4	3	3	5	
O MISTÉRIO DE OBERWALD	5		5	4	5	5	5	5	5
O NEVOEIRO	4		3	4	4	4	5		
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA	5	4	5	5	5	5	5	5	5
007 — MISSÃO ULTRA-SECRETA			2	2	2	2	2		

(Classificação de 0 a 5)

## Isto e aquilo

### ● Jornadas em Carnide

Terminam hoje, na sede da Sociedade Dramática, as I Jornadas Culturais de Carnide, promovidas pelo grupo de teatro local. As 15 horas, terá lugar uma mesa redonda e, às 21 e 30, o Grupo de Teatro de Carnide apresentará a peça «Rei Lear», de Shakespeare, numa encenação de Bento Martins.

### ● Sessão infantil

Com uma sessão infantil, que inclui cinema e diversas actividades dedicadas à petizada, prosseguem, às 10 horas de hoje, as comemorações do 92.º aniversário da Sociedade Filarmónica Artística Piutense (SFUAP). Iniciadas em finais de Outubro, as comemorações encerram amanhã com uma sessão solene.

## Televisão

# Colombo II

A seca pode ser a maior de há 100 anos a esta parte, segundo afirmação dos entendidos em secos e molhados (não falo, claro, do entendido Listopad, que são doutros climas os seus secos ou molhados comentários).

A seca pode durar oito dias, oito meses ou oito anos (cruzes!).

A seca pode até ser rendível, se prolongada artificialmente nos laboratórios rtpianos — que belo pretexto para despedimentos, saneamentos, cancelamentos e adiamentos!

A seca tem as fronteiras largas mas existe.

E, se a seca é uma seca para os telespectadores, foi

também uma seca de imaginação lá para as bandas da 5 de Outubro (avenida lisboeta onde estão instalados os serviços pensantes da RTP).

Já se viu que, em pleno (des)florescimento da seca, foi a nova programação concebida, tão seca e enfezada como vem sendo.

Agora o aborrecido prolongamento da seca obrigou ao regresso do caos na escalonagem dos programas. Já no quadrado luminoso começou o reino da troca. Principiaram as alterações que, para serem boas, devem sempre ser de última hora e, enquanto não choverem os não sei quantos milímetros ne-

cessários para demolhar a seca, vamos andar baralhados e confusos.

No entanto, os telespectadores passam a dispor de um jogo emocionante (provavelmente mais interessante que os próprios programas): sentam-se face ao televisor, não para ver o filme X ou uma das senhoras donas Maria João, mas para assistirem às trocas.

O mal, ao cabo e ao resto, nem está nas trocas, está nos trocos. Nisto de trocos já se sabe que a moeda que vem ter connosco vem usada, soada, maltratada — quer dizer, vêm aí, em breve, as repetições.

E, se isso ainda não acon-

teceu em larga percentagem, temos de agradecer a alguém em vez de a Televisão abrir às 18h10 passou a funcionar a partir das 17.37 para se tentar comer a meia hora que estava a extravasar das 23. Em resumo, alguém na 5 de Outubro se fez Colombo II e redescobriu o ovo.

Continuando a seca (cruzes!), é bem provável que tenha a RTP de fechar às 22 horas. Não faz mal. Ela antecipa a abertura para as 18.50. E por aí fora, às arreatas.

Até ao instante inefável em que a hora de fecho coincidirá com a hora de abertura. Será agradável imaginar o cenário: vem o

que pensou. E bem. Ou seja: hino da televisão (ou a música de fundo), surge a locutura de continuidade que dirá: «Muito bom dia, senhores telespectadores. Estão bonzinhos? Então, até amanhã». Fecha-se com o hino nacional.

E, como o mais provável, segundo os meus laboriosos cálculos é que essa meta — coincidência da hora de abertura com a hora de fecho — seja às 4 da manhã, a radicamente matinal locutura, personalizando a RTP, terá atingido o objectivo pleno: ninguém a estará a ver.

Orlando Neves